

# A atuação de Anália Franco na formação de meninas desvalidas: o caso de *Álbum das Meninas* (1898-1901)

*Anália Franco's role in the education of underprivileged girls: the case of Álbum das Meninas (1898-1901)*

**Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza**

Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
marianaepss@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-5394-2507>  
<http://lattes.cnpq.br/4180514517294645>

**Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto**

Professora Adjunta de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
gabimondago09@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-2615-2390>  
<http://lattes.cnpq.br/2029851091723519>

**Michele Ribeiro de Carvalho Cassano**

Pedagoga na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

mmichelerj@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-4880-8773>  
<http://lattes.cnpq.br/0282136354321194>

**Resumo:** Analisa-se a colaboração de Anália Franco (1853-1919) no processo de formação moral de meninas e mulheres pobres por meio da fundação do periódico *Álbum das Meninas* – *Revista Litteraria e Educativa dedicada às jovens brasileiras* (São Paulo, 1898-1901). Sua importância recai sob a ação filantrópica de sua fundadora, uma vez que visava mulheres em situação de vulnerabilidade social e se tratava de um periódico feminino produzido, financiado e pensado por uma mulher. A pesquisa, de cunho teórico-documental, explicita formas de educabilidade previstas por Anália Franco e parte de suas concepções acerca dos conceitos de família, educação e sociedade no âmbito de *Álbum das Meninas*. Para tanto, as pesquisas de Chagas e Panizzolo (2014); Chagas (2016); Vasconcelos e Patroclo (2021); Pinto (2021); Oliveira (2007) se mostraram seminais para o estudo.

**Palavras-chave:** Álbum das Meninas; Formação de meninas pobres; Anália Franco

**Abstract:** Anália Franco's (1853-1919) collaboration in the process of moral formation of poor girls and women is analyzed through the foundation of the periodical *Álbum das Meninas* - a literary and educational magazine dedicated to young Brazilian women (São Paulo, 1898-1901). Its importance lies in the philanthropic action of its founder, since it was aimed at women in situations of social vulnerability and was a women's periodical produced, financed and thought up by a woman. The research, of a theoretical-documentary nature, explains the forms of educability envisaged by Anália Franco and starts from her conceptions of family, education and society within the scope of *Álbum das Meninas*. To this end, the research by Chagas and Panizzolo (2014); Chagas (2016); Vasconcelos and Patroclo (2021); Pinto (2021); Oliveira (2007) proved to be seminal for the study.

**Keywords:** Álbum das Meninas; Training poor girls; Anália Franco

## Introdução

Sim [,] urge incutirmos no ânimo da mocidade confiada às nossas mãos, tudo quanto é honesto e puro, grande e santo, desde o amor que é a flor e o perfume da vida, até o culto de Deus que é o remate da perfeição intelectual. [...]

Mas não devemos sucumbir na inércia, e sim trabalharmos com todas as nossas forças para formar na melhor educação moral o ânimo e a vontade da geração que hoje brinca descuidosa e que há de amanhã governar o mundo e produzir a geração que tem de lhe suceder.  
(FRANCO, 1899: 390-391)

Aqueles que transitam pela Avenida Marechal Rondon, na altura do número 875, Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro, ao olhar para o lado direito da avenida, podem observar uma construção antiga no topo de uma elevação, cercada por canteiros. Uma placa, ao centro de uma gruta artificial, informa se tratar do *Lar Anália Franco*, instituição privada, filantrópica, certificada como de utilidade pública, fundada em 22 de outubro de 1922 - não pelo sujeito que dá nome ao Lar, mas por inspiração de sua ampla atuação educativa, cultural e social.

Atualmente, o espaço se dedica a programas diversos com famílias em condição de vulnerabilidade ou risco social e de atividades socioeducativas para crianças e adolescentes. Tem capacidade para atender 80 meninas, acima de 2 anos de idade, oferecendo oficinas de arte, dança, capoeira, xadrez, violão e nutrição, de acordo com informações presentes no site oficial da instituição<sup>1</sup>. Pode ser que alguns destes transeuntes já tenham ouvido falar em Anália Emília Franco, mas nem todos fazem ideia do alcance de seus ideais, principalmente os educacionais.

Por isso, visando lançar luz sobre as ideias e ações desta fluminense, assim como pela busca de fazê-la pairar no ideário social, este estudo propõe uma pesquisa teórico-documental sobre um periódico idealizado pela própria Anália Franco, o *Álbum das Meninas: revista litteraria*<sup>2</sup> e educativa dedicada às jovens brasileiras. Além da relevância da intelectual, a revista em tela iluminava modos de se assistir e prezar pela formação moral de meninas e moças pobres - público privilegiado por Franco. As diferentes identidades sociais que, juntas, formaram Anália

<sup>1</sup> Mais informações em <https://www.laranaliafrancorj.org.br/>. Acesso em: 01 mai. 2024.

<sup>2</sup> O subtítulo da revista sofreu alterações ao longo dos anos em que circulou, como veremos adiante neste texto.

Franco demonstram como diferentes fatores são capazes de formar a imagem da mulher que, agora, dedicamo-nos a estudar.

Por se tratar de investigação de caráter teórico-documental, entende-se a necessidade de se operar a partir do entrecruzamento de fontes primárias, acionadas através da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, da Hemeroteca Digital do Arquivo Público de São Paulo<sup>3</sup> e do Portal Fundação Carlos Chagas: História da Educação e da Infância<sup>4</sup>. A localização dos números de *Álbum das Meninas* se deu a partir da Hemeroteca Digital do Arquivo Público de São Paulo e do Portal Fundação Carlos Chagas: História da Educação e da Infância, de modo a poder acessar 25 edições da revista e observar continuidades e rupturas no modo de operação de Anália Franco. Importa destacar que privilegia-se o ciclo de vida disponível da revista, que perdurou por mais de três anos (de abril de 1898 a outubro de 1901), com periodicidade mensal, mas com irregularidades, o que não era incomum no período. Note-se, por exemplo, que o intervalo entre as edições 17 e 18 somam quase 1 ano, sendo a número 17 publicada em 31 de agosto de 1899 e a de número 18 apenas em 01 de agosto de 1900. No que concerne ao arcabouço teórico, as pesquisas de Chagas e Panizzolo (2014); Chagas (2016); Vasconcelos e Patroclo (2021); Pinto (2021); e Oliveira (2007) se mostraram potentes para se estabelecer um diálogo com este estudo.

A atuação de Franco em prol de meninas, jovens e mulheres desvalidas não se limitou ao impresso. Destaque-se a fundação da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (AFBI), em 1901, na cidade de São Paulo, seguida pela criação de outras instituições de assistência em diferentes estados do país, as quais eram atravessadas e motivadas, especialmente, por questões de gênero, classe e vulnerabilidade social, o que parecia ser imprescindível para a intervenção de Franco. Nesse sentido, importa iluminar o fato de seus esforços terem voltado atenção especial a mães solteiras, mulheres desamparadas e crianças pobres, buscando prover-lhes educação, instrução e profissionalizando-as.

## ***Anália Franco: a construção de uma ilusão biográfica (1853-1919)***

<sup>3</sup> Disponível em: [https://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico\\_periodico/jornais\\_revistas](https://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico_periodico/jornais_revistas). Acesso em: 30 abr. 2024.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.fcc.org.br/pesquisa/jsp/educacaoInfancia/index.jsp>. Acesso em: 30 abr. 2024.

Conforme o título deste tópico anuncia, busca-se traçar uma breve biografia de Anália Franco. Utiliza-se o conceito de Bourdieu (2003), de "ilusão biográfica", ao se considerar os possíveis equívocos que podem incorrer ao narrar a vida de um indivíduo de maneira coerente, linear e totalizante, desconsiderando o fato de se tratar de um sujeito "historicamente constituído e, portanto, historicamente situado" (BOURDIEU, 2003: 186).

Embora tenha tido ampla atuação em São Paulo, Anália Emília Franco nasceu em Resende, na chamada Província do Rio de Janeiro, em 1º de fevereiro de 1853<sup>5</sup>, e dedicou boa parte de sua vida às causas sociais. Nesta análise, compreende-se Franco como uma intelectual polígrafa, à luz da definição de Miceli (1979; 2001), segundo o qual, "os anatolianos eram polígrafos porque deviam satisfazer às mais diversas demandas da imprensa e dos políticos (...)" (MICELI, 1979: 132). Destarte, o termo polígrafo qualifica uma classe de intelectuais, surgida e característica da primeira metade do século XX, que desempenhava diferentes tarefas ligadas à intelectualidade, com vistas a se associarem a espaços culturais e políticos, em especial, que os possibilitassem produzir e se manterem. No caso de Anália Franco, atuou como professora, romancista, escritora, poetisa, teatróloga, jornalista e autora de diversos livros dedicados à educação das crianças, manuais e livros de leitura (DUARTE, 2016). É também celebrada por sua atuação no campo da espiritualidade, aderindo e propagando ideias oriundas da doutrina espírita<sup>6</sup>.

Embora não faça parte do horizonte deste trabalho aprofundar a atuação de Anália Franco no campo do espiritismo, este aspecto se sobressai no âmbito de sua biografia. A tendência ao espiritismo experimentada por Franco não foi ao acaso. Desde a introdução da doutrina espírita no Brasil, ainda em meados do século XIX, por imigrantes franceses - em sua maioria, intelectuais -, defendia-se o interesse em apresentar a doutrina às mulheres de modo que pudessem pôr em prática a posição de "guardiãs do lar", ideário amplamente disseminado ao longo da Primeira República (1889-1930). Messias e Jacó-Vilela (2011: s.p.) indicam que "a defesa da igualdade, além da valorização do feminino, possivelmente, contribuiu para que esse

<sup>5</sup> Sua data de nascimento ainda é passível de confusão, pois Vasconcelos e Patroclo (2021) apontam 01/02/1853 como o nascimento de Franco, mas Chagas e Panizzolo (2014), por exemplo, indicam a data de 28/03/1853. Trabalha-se, contudo, com a primeira data por ser a encontrada com maior recorrência.

<sup>6</sup> Anália Franco, nas palavras de Roque Jacintho (1996), foi um "Anjo da caridade", por conta de sua atuação constante e mantenedora na assistência às crianças pobres, especialmente. Anália Franco disseminou a doutrina espírita através de ações concretas de caridade, que inspirariam, mais tarde, a criação do Grupo Espírita Anália Franco (Geaf).

grande número de mulheres procurasse o movimento espírita, pois aí eram respeitadas e ouvidas.”

Entretanto, cabe a ressalva de que as obras que tratavam do tema foram escritas em língua francesa, por vezes introduzidas por intelectuais atuantes na esfera educacional. Tal fato limitou, em larga escala, o acesso a livros, como *Les temps sont arrivés*<sup>7</sup>, sublinhado como o primeiro volume dedicado à doutrina espírita no Brasil.

*Objeto de estudo da elite, o conteúdo doutrinário não era facilmente assimilável pela população em geral, tendo em vista o pré-requisito de certo grau de instrução. O conteúdo filosófico e as teorias que abarcavam as últimas descobertas dos mais variados campos do conhecimento, além de, a princípio, somente serem acessíveis no original em francês, tornavam a leitura da obra sistematizada por Kardec inteligível apenas à pequena parcela instruída da população. (MESSIAS; JACÓ-VILELA, 2011: s.p)*

Neste sentido, entender Anália Franco como uma polígrafa em muito se relaciona com o capital cultural e social (BOURDIEU, 2003) por ela acessado. Indícios encontrados na imprensa revelam que tanto o marido, Francisco Antonio Barros, quanto a mãe, Teresa Emilia Franco, foram professores. A mãe, inclusive, teria sido diretora de uma escola no Rio de Janeiro. Aos 15 anos, Anália Franco já dava aulas no interior de São Paulo; aos 24, iniciou o curso normal na capital do estado.

Publicou manuais escolares e de uso doméstico, contos, romances, ensaios (CHAGAS, 2016) e colaborou, ainda, com alguns periódicos de relevo à época, tais como *A Família* (1889-1897), *Echo das Damas* (1885-1888), *A Semana* (1885-1895) e *A Mensageira* (1897-1900). Nos periódicos com os quais colaborou, evidenciou a educação feminina como um dos pilares para a nova ordem social a que o novo regime se propunha:

*A ideia de que a educação da mulher deve consistir exclusivamente na aquisição de prendas agradáveis, a fim de que ela possa brilhar e reinar na sociedade, é um erro que começa a dissipar-se, mas que está ainda longe de ser geralmente condenado. A maior parte dos pais tem receio de dar às suas filhas uma instrução mais ampla, julgando que o esmerado desenvolvimento das faculdades seja um incentivo para desviá-las do dever. (FRANCO, 1889: 1)*

De maneira convergente, criou a AFBI (Associação Feminina Beneficente e Instrutiva), em colaboração com os membros da comunidade espírita da capital paulista e pessoas ligadas à

<sup>7</sup>Publicado em 1860 pelo poeta, contista e diretor fundador do Colégio Francês do Rio de Janeiro, Casimir Lieutaud.

maçonaria, ainda que tenha desagradado certos grupos religiosos mais conservadores<sup>8</sup>, como evidencia o texto *Proteção à mulher*, da edição 10635 do *Diário do Maranhão* (MA): “A associação paulista merece ultimamente uma crítica dos clericais. Não admira, pois a D. Anália Franco, não reza pela cartilha da Igreja. Eis aí o seu crime no entender do clero.” (UM OBSERVADOR, 1903: 1)

Dentre as ações desenvolvidas por Franco pela AFBI estavam a disseminação de valores de filantropia, de caridade e de educação, atendendo órfãs, meninas, jovens e mulheres carentes, mulheres outrora escravizadas e/ou filhas de escravizados, principalmente por acreditar que “as classes pobres têm merecido a proteção (...) e os benefícios dos espíritos humanitários e generosos” (FRANCO, 1898: 1).

Essas ações, contudo, não se ativeram a um espaço. Logo foram percebidas em outras localidades. Na primeira página da edição 142 do *Jornal do Recife* (PE), tem-se a indicação da criação de um asilo para “mulheres arrependidas”, que teria como modelo a associação paulista de Anália Franco:

*Em São Paulo há uma Associação Feminina Beneficente e Instrutiva que, segundo o último relatório apresentado à assembleia geral pela presidente, Exm\* Sr. D. Anália Franco, tem dado resultados muitíssimos lisonjeiros. É uma sociedade educadora, levantada sobre as amplas bases da tolerância, abrigando e fornecendo instrução a todos que a ela recorrem "sem distinção de classes, de seitas e de sexos" como muito bem relata a mesma Sra. presidente. (TIL, 1904: 1)*

A coluna *Associações*, da edição de 25 de janeiro de 1902, do jornal *Correio Paulistano* (SP) notabiliza o convite feito por Anália Franco e por Aracy Paranhos<sup>9</sup> para a inauguração do Liceu Feminino Noturno<sup>10</sup>, na capital paulistana:

#### ASSOCIAÇÃO FEMININA BENEFICENTE E INSTRUTIVA

*Esta sociedade instala hoje, festivamente, o seu Liceu Feminino Noturno, no prédio n. 58 do largo do Arouche. Falarão no ato a sra. d. Anália Franco e o professor Carlos de Escobar. Vários meninos, depois, recitarão diversas poesias. Muito gratos pelo convite que*

<sup>8</sup>A este respeito, cumpre destacar que, ao longo do século XIX, a Igreja Católica foi perdendo força por conta dos questionamentos dos liberais, agnósticos e positivistas. Dentre as reivindicações desses grupos, estavam o controle das certidões de registro de nascimento, de matrimônio e de óbito, além de uma educação sem interferência religiosa. (GOMES, 2007)

<sup>9</sup> Aracy Paranhos foi diretora da Escola Maternal de São Vicente, uma das instituições mantidas pela AFBI. (MARTINS, 2024)

<sup>10</sup> De acordo com a pesquisa de Martins (2024), o Liceu foi fundado para dar conta da formação das professoras que atuariam nas escolas atendidas pela associação.

*nos foi endereçado, com as assinaturas das Srs. dd. Anália Franco e Aracy Paranhos. (ASSOCIAÇÕES. Correio Paulistano, São Paulo, 25/01/1902)*

Já em 1907, a revista *O Malho* publica, em meia página, a imagem de Anália Franco junto às formandas do Liceu Feminino Noturno, sob a legenda:

*Corpo docente e alunas do Liceu mantido pela Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de S. Paulo. Benemérita instituição a que já nos referimos com honrosos dados, em o nosso número 253. Podemos agora acrescentar o nome da exímia diretora da notável associação, a Exma. Sra. D. Anália Franco, figura simpática que, ao centro do 1º plano, domina este expressivo quadro. (O MALHO, 1907: 28)*

Figura 1 - Recorte da página 28 da edição 255 de O Malho.



Fonte: O MALHO, 1907: 28

Reconhecida como Dona Anália Franco, ela foi uma importante personagem no cenário brasileiro nos séculos XIX e XX, além de figura influente no campo da educação e da assistência em momentos cruciais do Brasil, em especial quando da promulgação da Lei do Ventre Livre

(1871)<sup>11</sup>, da abolição da escravatura com a assinatura da Lei Áurea (1888), da Proclamação da República (1889), da política imigratória e do consequente aumento da população diante das transformações urbanas ocorridas com o início da modernização e da industrialização em São Paulo.

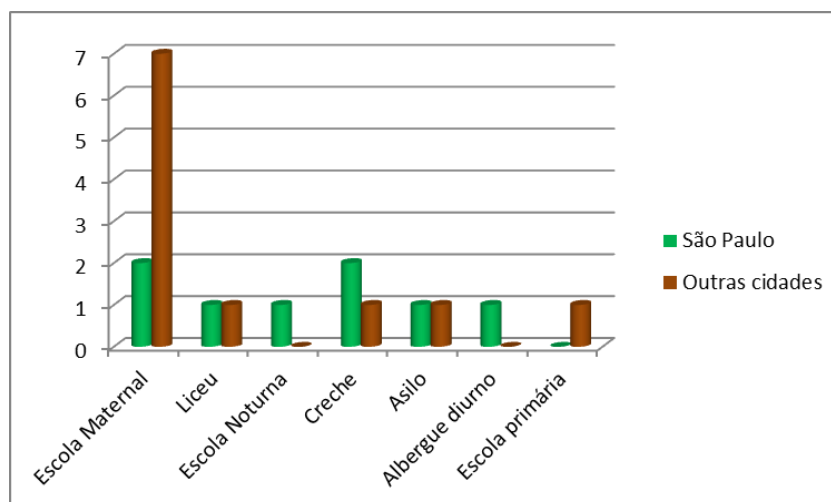
Diante de tal cenário, a presença de meninos e meninas pobres, menores e abandonados pelas ruas na vida cotidiana das cidades tornou-se episódio corriqueiro. Assuntos como a pobreza, o abandono de crianças, a educação popular e a filantropia parecem ter mobilizado a intervenção de Anália Franco. Observando essa realidade social e cultural em São Paulo, Franco se dedicou a escrever sobre questões concernentes à educação da criança e da mulher, assim como da formação da mocidade e da profissionalização feminina, por exemplo. Foi defensora do ensino religioso e moral como fio condutor à regeneração social e da caridade como virtude essencial para a sociedade, especialmente com vistas à elevação espiritual, conforme indicado na fonte. Franco tecia, outrossim, críticas contundentes ao modo como a sociedade se desenvolvia, como no excerto a seguir: “o profundo caráter da sociedade atual é o luxo desenfreado de uns, incrustado na miséria asquerosa de outros” (FRANCO, 1898: 1).

Neste viés, as ideias e propostas expostas em *Álbum das Meninas* vão ao encontro dos preceitos e fins da AFBI e, por este motivo, considera-se a revista como um esboço do que viria a ser a Associação, fundada três anos depois. Das 19 instituições idealizadas por Anália Franco e fundadas<sup>12</sup> pela AFBI até 1919, quando falece a intelectual, sete estão localizadas na cidade de São Paulo, como mostra o Gráfico 1, ao passo que 12 instituições estão divididas em 11 cidades diferentes no estado.

Gráfico 1: Instituições da AFBI de 1901 a 1919

<sup>11</sup> Lei que declarava a condição de livre aos filhos de escravizadas nascidos após 1871, que ficavam ainda em poder dos senhores e de suas mães até 8 anos completos; a partir dessa idade, o senhor optaria em receber uma indenização do Estado ou utilizar os serviços do menor até os seus 21 anos (FAUSTO, 2010: 121).

<sup>12</sup>Convém ressaltar que houve mais de uma centena de instituições fundadas pela referida associação, que compreendem asilos, creches, escolas maternais, liceus femininos, além de uma colônia regeneradora na zona leste de São Paulo que abrigou crianças órfãs, em situação de abandono, jovens mães em situação de vulnerabilidade com seus filhos e viúvas. (OLIVEIRA, 2007; ALVES, 2023)



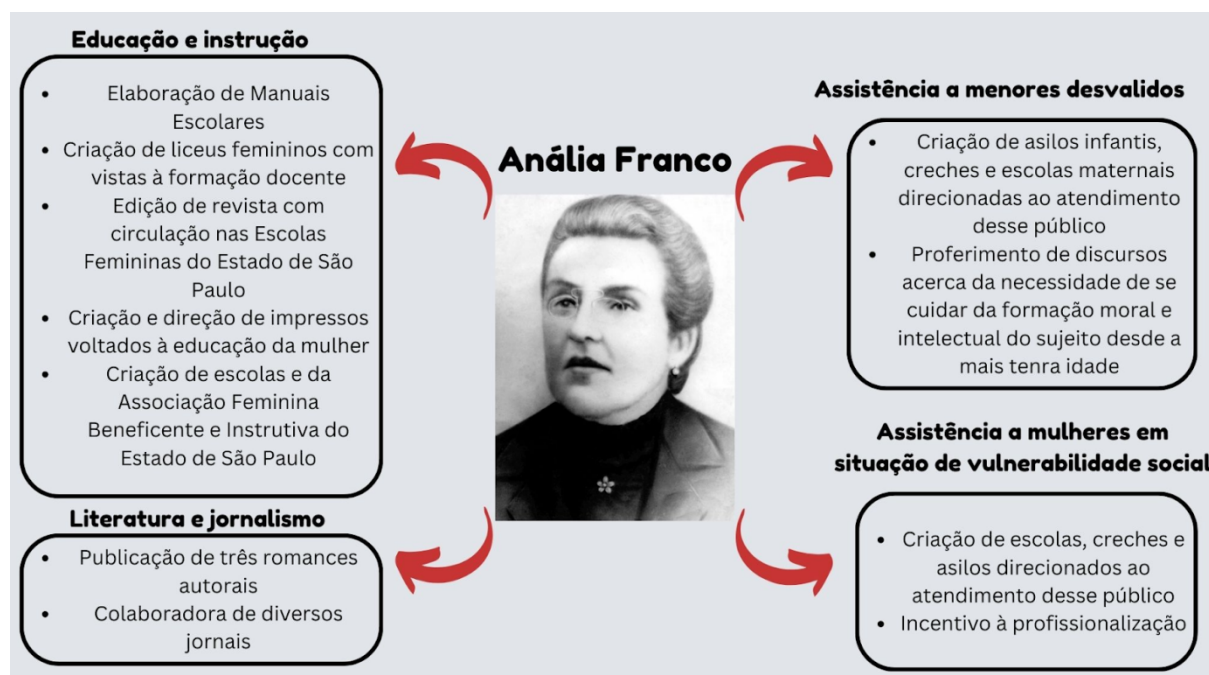
Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Anália Franco teve vasta produção escrita, sendo a maior parte de suas publicações os manuais escolares<sup>13</sup>. Contudo, merece destaque sua produção literária, com três romances escritos: *A Égide Materna*, *A Filha Adotiva*, publicados sob forma de fascículos em *Álbum das Meninas*, e, segundo aponta Chagas (2016), *A Filha do Artista*, publicado pela *Tipografia O Globo*, em 1899.

Como se observa, a atuação de Franco foi ampla, tendo tido inserção nos campos da educação, da instrução, da religião, do assistencialismo, da literatura, da produção de manuais escolares e da edição, por exemplo. Observe-se um esquema visual capaz de retratar as múltiplas facetas intelectuais de Franco:

<sup>13</sup>De acordo com o trabalho de Oliveira (2007, p. 72), o conjunto da obra de Franco “inclui romances, contos, poesias, peças teatrais, crônicas, opúsculos, dissertações evangélicas, hinos [e] livros didáticos”.

Diagrama 1: Principais campos de inserção de Anália Franco



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Como se nota, Franco se fez presente de diferentes maneiras em prol da educação, da assistência aos mais vulneráveis social e economicamente, com vistas ao progresso da nação por meio da regeneração dos sujeitos pela educação, pelo trabalho e pela religião. Em janeiro de 1919, faleceu em decorrência da gripe espanhola, deixando um legado de filantropia, justiça e humildade, como sinaliza a homenagem da edição 134 de *O Pharol* (MG):

*O seu gênio empreendedor, o seu despreendimento das coisas mundanas, a sua modéstia, o seu desprezo à vaidade, a sua abnegação, a sua humildade e a sua tenacidade na obra do bem impunham respeito e admiração a todos que a compreenderam e a acompanharam na sua ação genial e benéfica. (...) Seu amor à verdade, seus sentimentos de justiça, sua humildade e sua fé na misericórdia divina davam-lhe aquela serenidade que a tornava sublime. (OSWALDO, 1919: 1)*

Não por acaso tais características de sua “obra do bem” podem ser observadas nos empreendimentos a que se dedicou e pelo modo como seu nome reverbera até o presente. Ainda

que as facetas religiosa e assistencialista sobressaíam em sua biografia, a edição de uma revista, ora enfocada, demonstra que sua atuação educativa é claramente presente.

## *Formas de educabilidade e modulação moral em álbum das meninas*

Sublinhar as formas de educabilidade em *Álbum das Meninas*, periódico feminino, requer especial atenção à constituição da imprensa produzida por mulheres. Apesar de se tratar de um advento no século XIX, a imprensa feminina ainda funcionava em condições precárias, o que demandou mais tempo até que “tomasse corpo”, e pudesse se projetar com maior autenticidade, dado que as colaboradoras destes periódicos, em sua maioria, utilizavam-se de pseudônimos, por vezes masculinos; caso decidissem elas próprias fundar seus jornais e revistas, eram barreiras outras que limitavam o alcance de seus esforços: o financiamento e a manutenção das impressões, bem como o número de tiragens por vezes incompatível com o valor da venda do periódico, reduzindo-os a uma vida curta.

Desde a segunda metade do século XIX a concepção de uma educação moral circulava. Os discursos em voga, escritos à luz dos ideais iluministas e sanitaristas e encontrados sobretudo em manuais escolares, introduziram o conceito de valores morais e religiosos, entendidos como essenciais à formação do caráter das crianças. Com destaque, nos últimos anos dos 1800 observou-se uma reestruturação no *modus operandi* das tipografias e editoras na publicação de seus periódicos, levando-se em consideração a mudança de regime político e a disseminação de ideais republicanos de educação, instrução e sanitarismo.

*A ideia de transformação do mundo social, levada a cabo pela filosofia iluminista, estava ligada à educação, que passava a ser entendida como um instrumento propiciador de uma mudança na moral e na política da sociedade. O pensamento ilustrado tinha um caráter pedagógico, por acreditar que a difusão do saber - "esclarecimento" - era capaz de criar um novo tipo de homem orientado por valores que não fossem mais [apenas] os da tradição religiosa (MUAZE, 2000: 62. Grifo nosso).*

Neste sentido, sublinha-se *Álbum das Meninas* por se tratar de um periódico de finalidade educativa, com vistas à discussão acerca da educação e instrução de meninas e jovens moças, em

especial, as desvalidas, do final do século XIX, participando, desta forma, de uma espécie de projeto político-pedagógico de civilização do Brasil republicano. Nas palavras de Franco,

*A nossa missão é pois evangelizar a razão, e levantar bem alto o estandarte da virtude e do belo, inoculando no coração da mocidade confiada às nossas mãos, as grandes qualidades que nos vão faltando: - a ordem, o trabalho, a noção exata do dever, o verdadeiro amor da pátria, a compreensão da vida humana com um destino elevado e sério (...). É porém fora de dúvida que a educação e instrução elementares só poderiam tornar-se verdadeiramente profícuas, se os alunos ao voltarem da escola encontrassem no lar, os meios de continuarem a instruir-se (...).*

*Foi por isso que resolvi fazer uso da imprensa para dar à publicidade esta modesta revista intitulada "O Álbum das Meninas" expendido as minhas ideias sobre educação (...). (FRANCO, 1898: 2-3)*

O periódico, assim como outros exemplares femininos que circularam à época, idealiza a instrução feminina, entendendo que o desenvolvimento intelectual da mulher seria de maior grandeza e serventia à vida doméstica, compreendendo o lar, o marido e os filhos, já que havia ela assumido a posição de “guardiã do lar”. Em texto publicado anos antes da fundação de *Álbum das Meninas*, na revista *A palavra* (AL), Anália Franco comenta o alcance dos jornais e deixa pistas acerca de suas intencionalidades ao criar seu próprio “livro popular”, ao mencionar que o jornal

*percorre por toda a parte e penetra tanto no teto do abastado como no albergue do pobre, onde vai se insinuando pouco a pouco, fecundando-lhes insensivelmente a ação, influyendo assim na civilização da pátria e no progredir do seu desenvolvimento instrutivo. O jornal é o livro das famílias, a fonte perene de onde todos recebem a verdade, o ensino, o perfume, sem sequer presumirem em tal. Para aqueles cuja vida laboriosa poucas horas têm de repouso para dar à cultura do espírito não há mais profícuo meio de dilatar-lhes a instrução do que esse livro popular que espalha por todos os ventos a boa doutrina que encerra. Para isso, indispensável é que se encontre sempre um guia seguro na sua luz benigna e suave, devendo todos os seus esforços tenderem constantemente a melhorar os instintos, a esclarecer as consciências, a inculcar-lhes um vivo sentimento de verdade e de justiça, e desenvolver-lhes cada vez mais a ambição de um alto destino. (FRANCO, 1895: 2)*

Em *Álbum das Meninas*, Franco apresenta suas opiniões e críticas a respeito da educação e instrução, de maneira geral, mas com especial ênfase no espaço da mulher e da criança - inclusive as das camadas de menor prestígio social - no processo de regeneração e progresso da pátria. Franco tece problematizações sobre questões sociais, principalmente no que concernia à educação, área em que também atuou.

A partir de uma revista de formato modesto, com dimensão de 14 x 21 cm, de periodicidade mensal, ainda que com irregularidades, e com média de 24 páginas, Franco advogava em favor da educação moral e profissional para mulheres, indicando que o exercício de atividade tão “sublime” exigiria uma formação que contemplasse os saberes necessários ao ensino de crianças, cidadãos estes que carregariam o peso de um futuro para a nova nação republicana. Às meninas mais abastadas, defende que a educação precisa ser completa e não apenas para dar conta de sua figuração ao lado do futuro marido; às meninas pobres, deve também fundamentar-se nos aspectos do trabalho. Assim, a implementação de uma educação profissional feminina era urgente e imprescindível:

*Que se diria de uma nação que não tivesse universidades politécnicas, liceus, institutos agrícolas, industriais e comerciais, que não formasse jurisconsultos, médicos, teólogos, naturalistas, matemáticos, farmacêuticos, oficiais para o seu exército, marinheiros para a sua esquadra! Dirieis que uma tal nação seria uma tribo selvagem.*

*[...]*

*Se o homem não foi criado para o acaso, também para o acaso não foi criada a mulher. A quem pertence o dever de educar a mulher popular? Em princípio à família, como à família cabe o dever de lhe dar o pão cotidiano. Mas enquanto a família não estiver educada? Enquanto o lar não for uma realidade a todos os respeitos? Enquanto a caixa econômica não figurar como uma instituição viva em cada freguesia, como a igreja, a padaria e o cemitério / Até esse tempo só o estado ou a associação o poderá fazer. A liberdade sem a instrução profissional consideramo-la uma falsidade mais injustificável do que o absolutismo. (FRANCO, 1899: 173)*

Para além da educação profissional, o periódico discute formas de organização escolar, a saúde física, a criação de creches e, ainda, a manutenção da escravização e suas consequências para a educação, como indica o trecho a seguir:

*E assim como a instrução amplia indefinidamente o horizonte das ciências, das artes, da civilização, da moral e da própria liberdade, a ignorância, que é a companheira da anarquia e da demagogia, torna-se a origem principal da estagnação política, moral e industrial do povo. E enquanto o homem permanecer vítima fatal dessa ignorância, que quebranta e esteriliza a sua atividade, a escravidão não se extinguirá da terra; porque não sabendo ele aproveitar os elementos de vida que possui não pode ter a força de caráter, a independência, a liberdade de ação e por conseguinte a plenitude de sua existência. Além disso é a ferocidade ingênita que existe no fundo das naturezas incultas,*

*que auxilia os planos tenebrosos dos Catilinas<sup>14</sup> e Marats<sup>15</sup> que lhes satisfaçam as suas humildes e egoísticas ambições. (FRANCO, 1898: 29)*

Percebe-se, no texto assinado por Anália Franco, que a educação e a instrução popular são reivindicadas em uma espécie de manifesto, no qual aquela é posta como condição primordial para o desenvolvimento moral, político e industrial do povo. Tal destaque evidencia uma das formas de educabilidade divulgadas no periódico: a educação para fomentar o progresso da nação por meio da modulação do caráter e da formação para o trabalho.

Cumprir lembrar que, muito embora a reforma Leôncio de Carvalho (Decreto 7.247 de 19 de abril 1879) tenha apontado mudanças significativas<sup>16</sup> na educação, a celeuma acerca da obrigatoriedade do ensino e da frequência estava posta. Em outras palavras, ao passo que a reforma motivou a educação dos pobres, incluídos os filhos dos escravizados, não ofereceu, no entanto, suporte para garantir essa inclusão.

No que concernia à instrução obrigatória, Anália Franco também não se abstinha. Na edição número 2 de *Álbum das Meninas*, de 31 de maio de 1898, a intelectual publica o texto intitulado *A Instrução Obrigatória*, no qual discute, a partir de um discurso politizado e ácido, a importância de tal obrigatoriedade, estabelecendo comparações com países europeus. Tece críticas às políticas nacionais em torno da educação, principalmente ao comparar a teoria (a lei e os discursos) com a prática. De acordo com Franco, “realmente é lastimável a desproporção enorme, assombrosa, extraordinária da quase totalidade do povo que jaz submersa no limbo tenebroso da ignorância” (FRANCO, 1898: 28).

Decerto, Anália Franco era grande defensora do ensino obrigatório, conforme evidenciava em *Álbum das Meninas*:

*Neste ponto ouçamos a voz autorizada de M. Leveleye. “Na Europa os países, que conseguem levar a instrução a todas as classes sociais são os que têm estatuído a obrigação escolar. Aqueles que recuaram diante desses meios não realizaram as suas*

<sup>14</sup> Em referência à figura do Senador Catilina, duramente criticado por Cícero (106 – 43 a. C.), por sua conduta corrupta no Senado Romano. Assim, a imagem de Catilina fica marcada pelo seu caráter temerário, amoral, e pela incapacidade para o cargo governativo a que se propunha. (BARBOSA, 2019)

<sup>15</sup> Nos limites deste estudo, não foi possível encontrar indícios que façam referência ao termo no campo da História da Educação.

<sup>16</sup> A exemplo do estímulo à alfabetização dos adultos, e da autorização para criar ou auxiliar, nas províncias, cursos de ensino primário em que fosse permitida a frequência de escravizados. Fonte e mais informações em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaoorigin-al-62862-pe.html>. Acesso em: 30 de abril de 2024.

*vistas, malgrado os esforços perseverantes dos poderes públicos e os subsídios, sempre crescentes, do seu ensino primário. Para se ver a vantagem do sistema coercitivo basta comparar a instrução entre os países que aceitaram e aqueles que a repeliram. (...) Na França em consequência da irregularidade de frequência escolar, um terço da população é completamente iletrada. Na Prússia quase todos os milicianos sabem ler e a instrução das mulheres não deve ser inferior a "dos homens, porque o número das meninas que vão à escola é tão grande como o dos alunos do outro sexo."*

*(...)*

*Cousin que colaborou com M. Guizot na elaboração da célebre reforma de instrução primária de 1833 na França, fez ouvir as seguintes palavras a respeito do ensino obrigatório, questão de que ainda no seu tempo poucos espíritos se preocupam. "Eu não conheço país algum onde floresça a instrução popular sem ser por meio da instrução obrigatória."*

*Em conclusão diremos, se a instrução é uma necessidade e mesmo uma obrigação social, deve ela ser obrigatória para todas as crianças, assim como o é para a sociedade. (FRANCO, 1898: 30-1)*

Observem-se as estratégias discursivas de Anália Franco em prol da obrigatoriedade do ensino para todas as crianças - entende-se sem diferenciação de sexo e raça -, em especial ao mencionar contribuições de intelectuais europeus para apoiar sua defesa. Outrossim, a intelectual defendia a educação para meninos e meninas, sem distinção, pois somente assim a sociedade progrediria, já que as mulheres participariam da educação dos filhos futuramente e, para tanto, também precisariam ser educadas.

Outro aspecto relevante em *Álbum das Meninas* é a constante presença de elementos religiosos, que embasam, justificam e prescrevem certas condutas e comportamentos femininos. Além disso, o ideário burguês de família, no qual cabe à mulher o zelo com a casa, a família, e os filhos, também se faz presente nas páginas do periódico, como se observa no texto *O lar feliz*:

*A mulher que nunca transige com o dever, que sabe empregar toda a solicitude e meiguice para iluminar as castas alegrias do lar, sabe também o segredo de fazer desaparecer até a derradeira nuvem que obscurece a fronte contraída pelas angústias que laceram o coração do pobre. E Deus santifica o lar, onde a desgraça encontra sempre a esperança e o conforto. Nessa mansão pacífica, serena e límpida a nossa alma parece despir-se das mesquinhas agitações mundanas, para respirar em toda a plenitude o sentimento do bem e do belo, elevando-se no que há de mais sublime nas aspirações do espírito, e fazendo-nos ouvir a voz da religião, refugiada nesse doce santuário como se ali nos aproximássemos mais da divindade.*

*Em suma a mulher que circunscreveu todas as suas aspirações em proporcionar o conforto e bem estar a todos que a cercam, inspirando-lhes o gosto para tudo quanto lhes pode desenvolver e elevar o coração, tudo quanto lhes pode vigorar e enriquecer a inteligência, acendendo-lhes ao mesmo tempo n'alma a dourada messe de esperanças que os eleve às lúcidas esferas da vida futura, há de receber por certo as bênçãos dessa*

*divindade onisciente que a recompensa com o incontestado prestígio que exerce no seu lar. (FRANCO, 1898: 259)*

As bênçãos a que Franco se refere estão, de certa forma, ligadas aos preceitos de boa conduta e moral, publicizados pela instauração do novo regime. Neste momento, a construção de um ideário de mulher, ocupada com o casamento, o lar e a boa educação dos filhos vigorava. Nesta lógica, a preocupação com a infância e a caridade faziam parte dos atributos os quais a mulher deveria ter.

*O doce nome de Mãe modelado pelo amor, e retemperado pela bondade, que com razão lhe deram os católicos, sintetiza a união da cristandade sem ódios de rivalidades e a constituição amorosa de família universal.*

[...]

*Alma de eleição, alma primorosa que inunda o mundo com a fama da sua glória, e de cuja vida exemplaríssima se tem extraído aperfeiçoamentos de harmonias sem limites. (FRANCO, 1898: 26)*

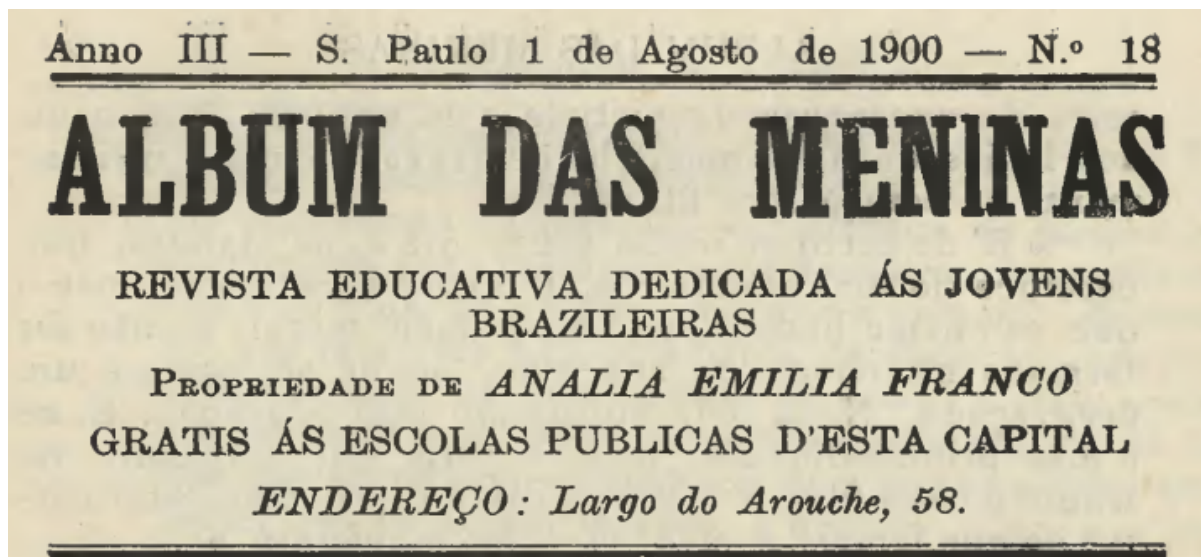
O excerto ratifica o viés religioso e moralizante que acompanhou o ciclo de vida de *Álbum das Meninas* e que fazia parte da prática intelectual de Anália Franco. A própria autora reafirmava seu compromisso com a sociedade à luz do cristianismo. Ao justificar o reaparecimento de *Álbum das Meninas* no cenário editorial, após a lacuna de quase um ano entre as edições 17 e 18, Franco, no texto inicial da edição 18, intitulado *Às mães e às professoras*, alega o seguinte:

*Após alguns meses de interrupção, volto de novo às pugnas do jornalismo, a fim de cumprir a sagrada missão que por Deus me foi imposta na sociedade, animada por esse amor de que Cristo nos deu o mais sublime exemplo, quando instruindo os seus discípulos só deixou dimanar dos seus lábios palavras de caridade e amor. (FRANCO, 1900: 1)*

Franco justifica o retorno de *Álbum das Meninas* a partir de um discurso essencialmente religioso e que, em certa medida, confere a ela a capacidade e a chancela de fazer circular seus ideários, haja vista a “sagrada missão que por Deus [lhe] foi imposta na sociedade” e que a ela caberia cumprir. É no cabeçalho desta mesma edição que encontramos indícios de que a revista circulou nas escolas paulistas. A inscrição “Grátis às escolas públicas desta capital” revela o reconhecimento das formas de educabilidade empreendidas por Anália Franco na revista, que,

de acordo com Martins (2024), circulou, ao lado do “Manual das Escolas Maternais”<sup>17</sup> nas instituições atendidas pela AFBI. Ademais, a subtração do termo “litteraria” do subtítulo da revista deixa mais evidente o propósito da publicação: educar.

Figura 2 - Recorte da capa de *Álbum das Meninas*



Fonte: FRANCO, 1900: 1

Outro indício que ajuda a entender a especial condição das edições seguintes é o discurso de Franco com relação à divulgação de contos para crianças, com a finalidade de promover a boa educação para a juventude, por meio da publicação de “contos que [lhes] parecerem próprios para a elevação moral da mocidade” (FRANCO, 1900: 3). Aqui, além de deixar nítida a intenção educativa e instrutiva da revista, destaca a questão da moralidade que, ao menos desde a segunda metade do século XIX, circulava no âmbito da educação. Em consonância com os ideais de Anália Franco no periódico, observem-se os manuais, escritos à luz dos ideais iluministas e sanitaristas, além dos discursos em voga que enfatizavam estes valores, tidos como essenciais à formação do caráter das crianças.

Neste sentido, *Álbum das Meninas* operou não apenas como objeto de divulgação e reivindicação de melhores condições de acesso e permanência à educação escolar, acolhendo o grupo de desvalidos e marginalizados, mas também como um dispositivo educacional.

<sup>17</sup> Respeitados os limites deste estudo, optou-se por não investigar o manual citado. Convém ressaltar que, assim como *Álbum das Meninas*, trata-se de uma produção de Anália Franco.

## Considerações Finais

O artigo buscou tratar da atuação de Anália Franco na condição de idealizadora, fundadora e mantenedora do periódico *Álbum das Meninas* (1898-1901). Para tanto, foram apresentados e analisados aspectos constitutivos da revista em tela, fonte principal deste estudo, tendo sido observadas considerações acerca da educação; da instrução de crianças, meninas e mulheres pobres; do valor ao trabalho; e, ainda, da religião. *Álbum das Meninas* circulou no meio social e, também, nas escolas femininas da cidade de São Paulo, divulgando e reivindicando, dentre outros temas sensíveis, o acesso à educação e à profissionalização de meninas e jovens desvalidas.

Franco foi a responsável por criar e manter a AFBI – Associação Feminina Beneficente e Instrutiva –, entidade a qual fundou mais de uma centena de instituições para crianças, jovens, adultas, idosas e bebês. Sua profícua colaboração com a educação não se deu somente no campo da criação de instituições educacionais, mas também na produção de livros escolares e no proferimento de discursos que buscassem demonstrar a importância da educação no processo de regeneração e progresso da pátria.

De acordo com as discussões empreendidas ao longo do texto, foi possível observar indícios de um trabalho atravessado pela preocupação com diferentes aspectos que influenciassem na formação moral, intelectual e profissional de jovens desvalidas. Notaram-se, ainda, formas de educabilidade expressas em *Álbum das Meninas* a partir de conceitos como família, educação e sociedade. Embora Franco tenha destaque nos campos religioso e assistencialista, a sua atuação educativa é notabilizada.

Por fim, considerando a inviabilidade de se tratar de uma intelectual de tamanha projeção na historiografia da educação e na historiografia das mulheres sem evidenciar suas múltiplas atuações, buscou-se, ao longo do trabalho, destacar o legado de Anália Franco à educação feminina no Brasil, com ênfase na revista *Álbum das Meninas* e seu alcance. A partir de seus ideais, convertidos em diferentes práticas de assistência, cuidado e educação, Franco é, hoje, uma permanência nos discursos acerca de meninas e mulheres pobres e em situação de

desamparo, em especial na oferta de instrução, profissionalização e, ainda, valores de cunho religioso.

## Fontes Documentais

*Álbum das Meninas*, 1898, p. 2-3, ano I, n. 1.  
*Álbum das Meninas*, 1898, p. 26, ano I, n. 2.  
*Álbum das Meninas*, 1898, p.29, ano I, n.2.  
*Álbum das Meninas*, 1898, p.259, ano II, n.11.  
*Álbum das Meninas*, 1899, p.173, ano II, n. 8.  
*Álbum das Meninas*, 1899, p. 390-391, ano II, n.17  
*A Palavra*, 1895, p.2, ano VII, n.1.  
*A Família*, ano II, n.8, 19/01/1889.  
*Correio Paulistano*, 1902, p. 3, n.13083.  
*Diário do Maranhão*, 1903, p.1, ano XXXIX, n.10635.  
*Jornal do Recife*, 1904, p.1, ano XLVII, n.142.  
*O Malho*, 1907, p. 28, n. 255.  
*O Pharol*, 1919, p.1, ano LVI, n.134.

## Referências Bibliográficas

ALVES, D (2023). Cultura material e vida cotidiana das crianças na colônia regeneradora Dom Romualdo de Seixas (internato Anália Franco), São Paulo (1911-1997). *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 87-106. DOI: 10.31239/vtg.v17i1.36086. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/36086>. Acesso em: 19 out. 2024.

BARBOSA, Lydia Marina Fonseca Dias (2019). *As Catilinárias de Cícero*: tradução e estudo retórico. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 124 f.

BOURDIEU, Pierre (2003). *Escritos de Educação*. 5a edição. Petrópolis, RJ: Vozes.

- BOURDIEU, Pierre (1996). "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV. p. 183-191.
- BUITONI, Duicília Helena Shoroeder (2009). *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Edições Loyola.
- CHAGAS, Floriza Garcia (2016). *Álbum das Meninas, revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras: estudo de um impresso de Anália Franco (1898-1901)*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos. 187p. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/c1b3e369-7527-4091-b931-a001694f9fd9/content>. Acesso em: 01 mai. 2024.
- CHAGAS, Floriza Garcia; PANIZZOLO, Claudia (2014). "Álbum das Meninas (1898 – 1901): um estudo sobre a imagem da infância paulista na Primeira República". *Anais VII Simpósio Nacional de História Cultural - História Cultural: escritas, circulação, leituras e recepções*. Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 1-14. Disponível em: <https://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Floriza%20Garcia%20Chagas%20&%20Claudia%20Panizzolo.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2024.
- DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti (2009). "A mulher de letras: nos rastros da história". *Revista IPOTESI*, Juiz de Fora, v.13, n.2, p.11-19, jul-dez.
- DUARTE, Constância Lima (2016). *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica.
- FAUSTO, Boris (2010). *História do Brasil*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo.
- FONSECA, Sérgio César da; JOHANSEN, Carla Cristina (2018). "Anália Franco, uma referência em matéria de assistência à infância para as cidades do interior de São Paulo? (1901-1923)". *História Unicap*, v. 5, n. 9, jan./jun. p. 60-76.
- GOMES, Edgar da Silva (2007). "Um embate ideológico: Estado - Igreja no crepúsculo do século XIX no Brasil". *REVELETEO*, São Paulo, v. 1, n.2, s.p.
- MARTINS, Ana Luíza (2001). *Revistas em revista - imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp / Fapesp / Imprensa Oficial do Estado.
- MARTINS, Regina Lucia Silveira (2024). *Anália Franco e o Liceu da Associação Beneficente Instrutiva de São Paulo (1902-1917)*. Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação. 248 f.
- MESSIAS, Maria Cláudia Novaes; JACÓ-VILELA, Ana Maria (2011). "Médiuns e Loucas: os atravessamentos da participação feminina no Movimento Espírita brasileiro na primeira metade do século XX". *Anais do XVI Encontro Nacional de Psicologia Social da ABRAPSO*, 2011, Recife/PE. Psicologia Social e seus movimentos: textos completos do Encontro Nacional de Psicologia Social da ABRAPSO. Recife/PE: Abrapso. v. 1.
- MICELI, Sergio (2001). *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MICELI, Sergio (1979). *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel.
- MONTEIRO, Eduardo Carvalho (2004). *Anália Franco – a Grande Dama da Educação Brasileira*. São Paulo: Madras.
- MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira (2000). "Os manuais de educação e o debate sobre a infância na segunda metade do século XIX, no Brasil". *História & Ensino*, Londrina, v. 6, p. 57-71, out.

- OLIVEIRA, Eliane de Christo (2007). *Anália Franco e a associação feminina beneficente e instrutiva: idéias e práticas educativas para a criança e para a mulher (1870 - 1920)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade São Francisco, Itatiba.
- PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco (2021). "Em nome da regeneração da pátria pela educação: a instrução para meninas pobres nas páginas de Álbum das Meninas (1898-1901), de Anália Franco". In: NASCIMENTO, Luciana Marino do et alli (Orgs.). *Gêneros Discursivos e Modernidade*. Curitiba: CRV, p. 141-159.
- VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; PATROCLO, Luciana Borges (2021). "'Revista Álbum Das Meninas': literatura infantil e jovial para educar a mocidade brasileira. *Revista Humanidades e Inovação*. v.8, n.33, p. 124-142. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4809>. Acesso em: 02 mai. 2024.